

EDUCAÇÃO SEXUAL PELO AMOR, REALIZANDO-SE NAS/PELAS ESCRILEITURAS DE DIVERSAS LINGUAGENS: PROJETO PQP

SEXUAL EDUCATION FOR LOVE, PERFORMING IN / BY THE SCRIPTURE OF VARIOUS LANGUAGES: PQP PROJECT

Maria Regina Momesso 1

Resumo: Parte-se da premissa de que as linguagens constituem tudo o que somos, vivemos e compreendemos do mundo. Qualquer Educação perpassa pela *escrileitura* (processo de leitura em que a escrita se dá pela leitura ou a leitura se faz pela escrita). Dominá-la nos ajuda a nos constituirmos enquanto sujeitos e a cuidar de si promovendo uma ética da existência e a transformação dessa em obra de arte. Objetiva-se refletir sobre as práticas discursivas de *escrileituras* literárias e cibermediáticas, as quais por meio da educação linguística possibilita transformar os modos de existência e as formas de subjetividade positivamente nos jovens contemporâneos em prol de uma educação sexual e linguística promotora do cuidado de si e de uma ética da existência. Essa reflexão teórica e metodológica tem por base os últimos estudos de Foucault denominados "A genealogia da ética". Nestas investigações foca-se a relação do sujeito com a verdade, sendo a sexualidade um dos temas. Os resultados apontam que essas práticas de *escrileituras* tem papel múltiplo, potencializam e facilitam a aprendizagem, a compreensão do mundo, de suas representações simbólicas e do seu agir na/ sobre a experiência humana, em especial no lido com seus conflitos e temáticas da vida.

Palavras-chave: *Escrileitura. Práticas discursivas. Cuidado de si. Ética da Existência.*

Abstract: It starts from the premise that the languages form all that we are, we live and bring us the understanding of the world. Every education goes through by the *scrolling*(the writing process which occurs through the Reading or the Reading that results from the writing process). Mastering them, it helps and cares about ourselves while subjects as we are, promoting a n ethical existence and making up it in a masterpiece. This present paper aims the reflections and discursive practices of literary and cybermedia *scrolling* whose linguistic education makes that transformation possible, guiding the Young people into subjectivities ways. Those aspects affect the youth in favor of a linguistic and sexual education that promotes the self – care a n ethical existence. Based on Foucault last studies , this paper points up the methodology and the theoretical reflection named "The genealogy of ethics". According to those studies, Foucault focused between the subject and the truth relationships, raising the matter about sexuality as one of its themes approached. The results show toward those practices acting in multiplied roles, maximizing and getting easier the world knowledge and its symbolic signs over the human experiences coping with life's conflicts and matters.

Keywords: *Scrolling. Discursive practices. Self-care. Ethical existence.*

Considerações iniciais

A questão da linguagem é trabalhada por Foucault como um de seus tópicos fulcrais, em especial nos livros “As palavras e as coisas” e a “Arqueologia do Saber” - a chamada fase arqueogenealógica -, seu interesse pela tensão entre interpretação e formalização, bem como pela literatura, em que a linguagem se manifesta para além da distinção entre significante e significado foi projeto constante em seus estudos. Com efeito, Foucault desenvolve um método de análise histórico de descrição da linguagem ao nível do que intitula “enunciados” ou “formações discursivas”.

O conceito de enunciado trabalhado por Foucault (2000, p. 25) é tomado como histórico, não está ligado às especificidades temporais típicas do conhecimento histórico, mas sim às suas regras de formação. Foucault defende que um enunciado não atravessa as épocas, séculos ele é inventado em cada época. Por exemplo, o conceito de literatura constitui-se de enunciados formulados em determinada época, a qual pode constituir uma formação denominada atualmente de literatura. Caso seja encontrado algo chamado literatura em outra época será necessário verificar as formulações de enunciados que levaram a compor esta formação e que quase nada tem a ver com outra mais recente. Deve-se ainda levar em consideração que o enunciado sempre é correlato a um discurso dado, ou seja,

(...) trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (FOUCAULT, 2000 p.31).

Foucault pontua ainda que se deve buscar observar o enunciado em sua descontinuidade, não é na sua forma contextual ou estrutural, mas sim onde ele é marcado pela sua relação com outros enunciados. Assim a análise de um enunciado não é simplesmente um jogo interpretativo, mas a análise de funcionamento e de relações entre enunciados, logo, “é preciso, empiricamente, escolher um domínio em que as relações corram o risco de ser numerosas, densas e relativamente fáceis de descrever” (FOUCAULT, 2000, p. 34). O enunciado é “como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo do discurso (...) é uma função de existência. (FOUCAULT, 2000, p. 90-99).

A superfície de um tecido nos remete aos fios que o tecem, as suas formações discursivas (modos de dizer e de pensar), as quais constituem o que é denominado discurso, o qual para Foucault (2000) é uma prática, formada por um conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação, por exemplo, o discurso clínico, o discurso biológico, o discurso midiático, o discurso econômico. O discurso sendo prática entrelaça-se também com o não discursivo.

O discurso conquanto prática constitui, constrói o sujeito. Para Foucault o sujeito difere-se da visão cartesiana, o sujeito não existe *a priori*, mas é constituído por meio de práticas na história e na cultura. Em seus estudos Foucault prima por observar uma “história do sujeito”, ou como ele mesmo denomina os “modos de subjetivação”. Com efeito, em seus estudos a subjetividade é a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo num jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo. Esse processo de constituição de subjetividade(s) se dá por meio de práticas que podem ser de poder ou de conhecimento, ou ainda por práticas de si.

Diante do exposto, neste artigo, focamos nossa reflexão nas práticas de si pelas quais as pessoas, por seus próprios meios ou com a ajuda de outros, agem sobre seus próprios corpos, almas, pensamentos, condutas e formas de ser, de modo a transformar-se a si próprios e chegar a um certo ideal de felicidade, ou tornar-se sábio ou imortal, ou chegar à perfeição. (FOUCAULT, 2006).

Compreende-se que a leitura e a escrita são práticas sociais que norteiam os modos de dizer e de pensar tanto do sujeito quanto de uma dada sociedade, obviamente, o processo de leitura e escrita envolve as práticas discursivas que determinam a constituição do indivíduo

enquanto sujeito, bem como sua identidade.

Os processos de leitura e escrita (entendidas como qualquer forma de expressar-se e interpretar por meio de signos verbais e não verbais, ou por meio de práticas mais complexas como as discursivas e não discursivas), os quais transformam-se em tecnologias, dispositivos fulcrais que ajudam a tecer a vida, nossos modos de existir, ser, sentir, agir e compreender a si e ao mundo que nos rodeia. O indivíduo que não compreende os meandros das práticas de “escrileitura” da vida, dos modos de existir e de se constituir enquanto sujeito na relação com os outros, é um ser fragilizado, suscetível aos jogos de verdade, é alguém que tem a ilusão de ser dono de si, de seu discurso e de condução de sua vida, quando ao contrário é um indivíduo frágil que pode ser conduzido pela ignorância, pela reprodução de determinados discursos, é alguém sem liberdade, com a ilusão de ser livre. Tal fragilização é demonstrada na série de conflitos humanos que vivenciamos hoje: por exemplo, a incapacidade de saber reconhecer uma *Fake News*, a dificuldade de argumentar, de dialogar diante de questões polêmicas, gerando polarizações e violências das mais diversas.

Partimos ainda da premissa que os projetos empreendidos por Foucault são na realidade de um exercício constante de “escrileituras”, um modo peculiar de apreensão e compreensão do mundo e de si mesmo na relação com os outros. A esse respeito, ele afirma que não quer fazer um crônica dos comportamentos sexuais através da história cronológica, mas sim seguir “um fio muito mais tênue que, em nossas sociedades, durante tantos séculos ligou sexo e a procura da verdade”. (FOUCAULT, 2006, p. 229). Foucault (2006) em seu processo de “escrileituras” elege como uma das metodologias a problematização do objeto, do tema, por exemplo quando descreve suas hipóteses de pesquisa na compreensão da História da sexualidade I, a vontade de saber,

O problema é o seguinte: como se explica que, em uma sociedade como a nossa, a sexualidade não seja simplesmente aquilo que permita a reprodução da espécie, da família, dos indivíduos? Não seja simplesmente alguma coisa que dê prazer e gozo? **Como é possível que ela tenha sido considerada como o lugar privilegiado em que nossa “verdade” profunda é lida, é dita?** Pois o essencial é que, a partir do cristianismo, o Ocidente não parou de dizer “Para saber quem és, conheça teu sexo”. O sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir de nossa espécie, nossa “verdade” de sujeito humano. (*grifo nosso*, FOUCAULT, 2006, p. 229).

O que Foucault faz acima é um modo de escrileitura, interpretar as condições de existência dos discursos acerca da sexualidade, ou seja, o modo como se diz ou se silencia, reflete o modo como se pensa, o modo como se age, o modo como se constitui a “verdade” e, por conseguinte, o sujeito.

Diante do exposto, essa metodologia procura abordar a linguagem em sua historicidade, em seu uso, em seu funcionamento, em sua dispersão, em sua materialidade (enunciados), sem focar sua análise na sistematicidade formal de uma estrutura nem na produção interpretativa do significado (interpretação do conteúdo). A análise da linguagem nos estudos foucaultianos não a toma como transparente, estável e formal, mas sim, a analisa em seu funcionamento histórico como construtora de saberes, poderes e subjetividades, ou seja, considera-a como um processo dinâmico, histórico, opaco e disperso.

Retomando, Foucault (2000) define o discurso, enquanto práticas discursivas inseridas no marco das práticas em geral, incluindo as práticas não discursivas. Não será o “ser da linguagem” o foco foucaultiano, mas o uso e o funcionamento da linguagem e sua prática, no contexto de outras práticas, as quais não são de caráter linguístico: as práticas objetivadoras, as práticas as quais exercem o poder, as práticas éticas (CASTRO, 2009, p. 251-255).

Para essa análise ressalta-se as práticas éticas e de si, pertencentes ao terceiro domínio foucaultiano, no qual ele se ocupa da função do discurso como formador da subjetividade. Essa função consiste em ligar o sujeito à verdade. Destarte, Foucault conduziu seus estudos numa

genealogia do sujeito e da verdade analisando as práticas subjetivadoras em textos filosóficos e médicos da Antiguidade greco-romana. Nesse estudo recortado da antiguidade clássica e helenística, não se procura descobrir a verdade no sujeito, nem fazer da alma o objeto de um discurso verdadeiro, mas de armar o sujeito com uma verdade, dotá-lo de uma *ascese*, ou seja, “trata-se de dotar-se de algo que não se tem, de algo que não se possui por natureza. Trata-se de constituir para si mesmo um equipamento, um equipamento de defesa contra os acontecimentos possíveis da vida”. (FOUCAULT, 2004, p.400). Esse acesso a verdade na constituição do sujeito pode se fazer a partir de várias práticas, tais como as práticas de si realizadas por meio do exame de consciência, da leitura e da reflexão, da escrita de si, da confissão, práticas que ao longo da história vem se tecendo.

Na esteira do pensamento foucaultiano objetiva-se pensar o sujeito de uma sexualidade e compreendê-lo nos acontecimentos que levam-no a se constituir e se reconhecer como sujeito do que faz, pensa e diz.

Apresentamos aqui uma de nossas experiências educativas, em que trabalhamos com as práticas de si por meio de *escrileituras* literárias e sua atualização com vistas ao desenvolvimento do cuidado de si face a diversidade de gênero, raça e social. Essa experiência teve como intuito observar essas práticas e identificar em que medida elas se constituem em uma “experiência”. Uma experiência tal, porquanto os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeitos de uma “sexualidade” e “identidade” na diversidade, dentro de um contexto social complexo e muitas vezes hostil. Além disso, como as práticas de *escrileituras* literárias funcionaram como um equipamento/dispositivo para a promoção de práticas de si na constituição de sujeitos mais éticos, cidadãos e, em especial, mais afetivos e humanizados no respeito à diversidade e à inclusão e à promoção da equidade de gênero, de raça e social.

O Projeto denominado PQP (Pessoa que é Pessoa) foi desenvolvido em 2016, junto a uma escola do interior do estado de São Paulo, com discentes do ensino médio – técnico (cursos de Informática, Eletrônica e Mecânica) dos primeiros e segundos anos, cujo projeto envolveu quatro salas de 35 alunos nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura e Redação Técnica.

O objetivo do projeto era a partir das práticas de *escrileituras*, da atualização e da problematização temática da Crônica literária “Homem que é Homem” de Luís Fernando Veríssimo, a promoção de uma educação linguística e ética sobre a diversidade e equidade de gênero. Compreender como as práticas discursivas constituem o que somos refletindo na forma como nos expressamos e como tais práticas podem ser responsáveis pelos seus efeitos. Depois da problematização, atualização e discussão do objeto de estudo os discentes produziram ações educativas para lidar com o preconceito linguístico, discursivo, comportamental em relação ao gênero e a diversidade. O resultado dessas ações foi a realização da Sala PQP e um vídeo produzido pelos alunos para promover uma ação de equidade e inclusão da diversidade de gênero e raça.

Das práticas de *escrileituras* às práticas de si.

Toma-se o conceito de leitura como construção de sentido e leitura e escrita como um conjunto de práticas sociais, as quais tem por objetivo fornecer ao *escrileitor* aquilo que Foucault denomina de equipamento, um dispositivo que possa ir além da interpretação e decodificação de signos, mas também um equipamento para o *escrileitor* pensar sobre determinada “verdade” circulante em dado momento e dado campo social, discursivo e etc., e como essa *escrileitura* constrói a sua própria “verdade”. Dessa forma, o sujeito por meio de suas *escrileituras* dos discursos e práticas que o envolvem, pensar sobre si mesmo na relação com os outros e como tais *escrileituras* o constituem enquanto sujeito em meio aos acontecimentos possíveis da vida. A partir disso, o sujeito possa cuidar de si numa relação ética e livre, segundo Foucault é a utilização das práticas de si com responsabilidade ética que promovem a liberdade.

Chartier (2002, p. 63), em seus estudos sobre práticas de leitura e escrita assentados na história cultural compreende que o conteúdo discursivo não é um mero reflexo da sociedade, no entanto configuram-se como partes significativas de práticas e representações que constroem historicamente uma realidade sociocultural. Logo, nossa vida é constituída por meio do diálogo entre as práticas e representações que constroem determinada realidade sociocultural

em dado momento da história. Depreende-se, então, que é por meio das práticas discursivas que são tecidas as situações, as ocasiões, as identidades, as realidades. Entende-se por prática discursiva “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e espaço, que definiram para uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2009, p.153-154). Essas práticas entram em funcionamento por meio de linguagens e discursos diversos, seus efeitos de sentido, por meio da “verdade” entendida como “um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” (FOUCAULT, 2006, p.14).

Com intuito de melhor explicitar a questão sobre práticas discursivas, faz-se necessário dentre as várias acepções do termo discurso, reiterar qual a que coadunamos nossos pensamentos. O discurso não é pura e simplesmente um amontoado de enunciados ou um entrecruzamento de palavras e coisas, nem trama obscura das coisas em palavras, muito menos a estreita superfície de contato entre realidade e a língua. O discurso constitui-se no entremeio, por meio de práticas, para conceituá-lo é necessário buscar a lei das enunciações diversas e o lugar de onde elas vêm (FOUCAULT, 2000). Portanto, as práticas discursivas oferecem o objeto/tema de que se pode dizer e determinam o feixe de relações que o discurso deve efetuar para falar do objeto. Essas relações caracterizam não a língua, nem as circunstâncias do discurso, mas o próprio discurso enquanto prática. Esta define “quem fala”, “o lugar de fala” e “as posições do sujeito”. A análise das práticas discursivas possibilita entrever a dispersão do sujeito, nos seus diversos status, lugares e posições de onde fala.

Foucault (2006) argumenta sobre a necessidade de se fazer uma análise que estude a constituição do sujeito na trama histórica, o que o filósofo chama de análise genealógica, aquela que observe a história na sua constituição de saberes, de discursos, de domínios dos objetos e outros, “sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história”. (FOUCAULT, 2006, p.7). Reitera, ainda que, o papel do intelectual/analista não é o de criticar os conteúdos ideológicos, nem mudar a “consciência” das pessoas, ou o que pensam, mas observar e compreender como a produção da verdade se faz, em qual jogo ela se institui e constitui. Sintetiza que, “a questão política não é o erro, a ilusão, a consciência alienada ou a ideologia; é a própria verdade”. (FOUCAULT, 2006, p.14).

Portanto, a alienação não é produzida pela política, pela falta de conscientização ou pela ideologia, mas pelo fato de não sabermos “escrever” os discursos circulantes que nos rodeiam e nos afetam sejam por vários suportes e campos discursivos midiáticos, políticos, institucionais, mercadológicos, econômicos, escolares, literários, artísticos, tecnológicos e etc. Assim, urge termos a competência da “escrileitura” das práticas das mais diversas ordens e suportes, saber “escrever” tanto as práticas discursivas quanto as não discursivas que nos constituem em modos de existir, ser e agir no mundo.

As práticas de “escrileitura” podem funcionar como um equipamento para uma Educação humanizada e inclusiva. Ao retomar Platão, no diálogo Fedro, temos as reflexões sobre o Amor, a Escrita e o Belo. O Amor é tomado como o movimento que nos permite, desde a visão da beleza sensível, ir ao encontro do Belo, origem e princípio da humanidade do homem. Na relação do Belo e da Escrita pode-se compreender/apreender o Amor, e é nesse lugar que existe a possibilidade de recondução do homem à sua humanidade. Platão toma a linguagem/discurso (*logos*) oral e escrito como *pharmakon* (veneno e/ou remédio; bem e/ou mal), depende de como utilizamos nossos discursos, os efeitos serão para o bem ou para o mal.

A partir das reflexões de Platão e tomando a linguagem/discurso como os fios discursivos que estabelecem as relações de saber, de poder e de ética, as quais culminam nas práticas e na constituição da subjetivação, como instrumento da construção de uma realidade social boa ou má, como instrumento de instituição e construção de jogo de verdades é que trabalhamos nossa reflexão e realizamos ações educativas no Projeto Pessoa que é Pessoa em 2016.

Somando-se a isso percorremos a esteira da compreensão de que a literatura tem várias funções, uma delas como afirma Eco (2003, p.10-11) manter a língua como patrimônio coletivo, contribuir para a constante variação e reformulação linguística, a literatura também

ajuda a criar identidade e comunidade. Desta feita, a linguagem literária pode nos educar para liberdade ou para a criatividade.

Em consonância com o pensamento de Foucault e Eco, entendemos que nosso “modus vivendi” passa por mudanças e transformações face as inovações tecnológicas diversas desde os primórdios da comunicação e do desenvolvimento da linguagem humana. Quando da passagem da tradição oral para a escrita, uma das preocupações, por exemplo de Platão, era a de que a inovação tecnológica da escrita fosse entorpecer o ser humano, uma vez que a escrita poderia ser perigosa porque diminuiria o poder da mente oferecendo aos seres humanos uma alma petrificada, uma memória mineral. No entanto, a escrita proporcionou por meio dos livros, por exemplo, o desafio de melhorar a memória e não entorpecê-la.

“A Galáxia de Gutenberg” de Marshall McLuhan em 1960 anunciava que a forma linear de pensamento instaurada no advento da imprensa seria substituída por um modo de pensar orientado por imagens e, assim, haveria o declínio da alfabetização. Com a emergência do computador passamos a ter a nossa disposição um instrumento de produção de imagens, ou seja, um novo dispositivo de alfabetização, obviamente com a mudança da prática de leitura que se tornou mais rápida. Somou-se à escrita/leitura uma nova forma de elaboração e prática, agora permeada por procedimentos lógicos e algoritmos, digitar palavras e números trouxe maior velocidade. Tudo isso culminou no aparecimento do que chamamos hoje de hipertexto, o qual transformou o modo de ler e escrever, o qual faz-se em uma rede multidimensional, uma janela dentro de outra janela *ad infinitum*, onde cada ponto liga-se a outro, formando-se nós.

Como nós em uma rede, como a rede neural de um cérebro humano, em que cada neurônio comunica-se com seus vizinhos via sinapses e dendritos de outros neurônios, enfim uma rede complexa de relações que não seguem um, começo, meio e fim pré-determinados, assim o, conceito de escrita e leitura abarca não mais só a linguagem verbal entrelaça-se ao “texto” ou “hipertexto” a linguagem não verbal, portanto a compreensão do conceito de leitura e escrita compreende várias mídias e dispositivos, as quais podem estar conectadas a vários nós.

Compreender os textos (entenda-se aqui a manifestação dos discursos) e os discursos em circulação constitui um dos grandes desafios contemporâneo, pois a compreensão vai muito além da decodificação e da reprodução de um determinado dizer, vai muito mais além do que uma interpretação gramatical de signos e ou algoritmos. É importante, acrescer a esta complexidade o fato de que aprender, apreender e compreender em geral configura-se em um processo que não se dá apenas no corpo do sujeito constituído na e pela linguagem, mas também é atravessado pelo inconsciente, múltiplo, cindido, o qual não tem total domínio e controle sob os efeitos de sentido de seu dizer.

Diante dessa complexidade acima descrita, vale ressaltar noção de sujeito em Foucault, a qual se difere do sujeito cartesiano, da consciência, controlador de si e dos outros, na qual sua existência atrela-se única e exclusivamente ao pensar para atingir a verdade: Penso logo existo!

Foucault pensa o sujeito como uma função, um lugar no discurso, recebendo da formação discursiva (modos de dizer (termos e temas que materializam um determinado modo de pensar perpassado pela cultura, pelo social, ideológico, histórico e etc.), e modos de pensar) parte importante da sua identidade, a qual de certa forma define as relações de poder, saber e ética, assim, o que pode e deve ser dito, onde, quando, de que modo entre outros. Nesse sentido, o sujeito é um enunciado social, um composto histórico, produzido por relações de, saber, poder e ética.

Rose (2001, p.139) pontua que vários teóricos sociais apresentam o atestado de óbito da imagem de ser humano apresentado nas filosofias e nas éticas por tanto tempo: um sujeito universal, estável, unificado, totalizado, individualizado, interiorizado. Essa imagem para a psicanálise sempre foi “imaginária”. Já “as práticas sociais (no trabalho, no consumo, na vida doméstica, no complexo jurídico, etc.) interpelam os seres humanos “como se fossem eus de um tipo particular (...) comprometidos a encontrar suas verdadeiras identidades” (ROSE, 2001, p. 140).

Nicholas Rose, ainda aponta sem delongas que nossos “eus” são invenções; são resultado de tecnologias de subjetivação, ou seja, “práticas e relações que tentam transformar – ou operam para transformar – o ser humano em variadas formas de sujeito, em seres capazes de

tomar a si próprios como os sujeitos de suas próprias práticas e das práticas de outros sobre eles” (ROSE, 2001, P. 143).

Considera-se a “escrileitura” uma forma de cuidar de si, aos moldes foucaultianos no sentido de aprender a conduzir-se pela reflexão que a leitura proporciona, em contraposição a ser conduzido por outros como no poder pastoral. O “escrileitor” ao ler um livro, uma obra de arte, uma música, uma página de *twitter* entra em processo ativo de reflexão, maceração sobre o tema e a problemática lá colocada. Além disso, a prática da “escrileitura” pode levá-lo a um exame de consciência, de comparações, de reescrita da história, de imaginar-se no lugar do outro.

No momento em que o “escrileitor” envolve-se com a história da obra lida, envolve-se consigo mesmo num processo elaborativo de reflexões e problematizador sobre si na relação com o outro, tendo assim nesse processo a possibilidade de se conhecer, de se ressignificar e se transformar em obra de arte. Pode-se afirmar que esse processo aproxima-se do conceito foucaultiano sobre cuidado de si na antiguidade clássica, tomado como uma ação “singular, transcendente, do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos que dispõe, como também aos outros com os quais se relaciona, ao seu próprio corpo e, enfim, a ele mesmo” (FOUCAULT, 2014, p. 50).

A prática da “escrileitura” tal como a defendemos envolve uma ética da existência, pensada aos moldes foucaultianos como resultado da relação do sujeito consigo mesmo, na qual o sujeito se constitui como sujeito moral de suas ações e responsabilização, que o libertam para uma estética da existência. Se o sujeito for apenas um leitor ou um escritor não atento, não competente ou um decodificador de signos verbais e não verbais, seguirá apenas prescrições de maneiras de ler, de fazer e de dizer para uso técnico, reprodutivo e utilitário das coisas que o envolvem no mundo. Nesse sentido, não será uma “escrileitura”, mas apenas práticas de leitura e escrita para adquirir informação, conhecimento técnico, para reprodução de discursos e verdades alienadas, não a será garantia de transformação do indivíduo em um sujeito ético.

Foucault (2006, p.150-151) aponta em seus estudos que a prática de si implica a leitura e a escrita como movimentos de captação do já dito; da reunião do que se pôde ouvir ou ler, com o objetivo de constituição de si, como ocorria com o *hupomnêmata*. Foucault, acresce a isso o pensamento de Sêneca,

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um “corpo” (...). É preciso compreender esse corpo não como um corpo de doutrina, mas sim – segundo a metáfora da digestão, tão frequentemente evocada – como o próprio corpo daquele que transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua verdade delas: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue” (*in vires, in sanguinem*). (...) Através do jogo das leituras escolhidas e da escrita assimiladora, deve se poder formar uma identidade através da qual se lê uma genealogia espiritual. Em um coro, há vozes agudas, graves e médias, timbres de homens e mulheres: “Nenhuma voz individual pode nele se distinguir; somente o conjunto se impõe ao ouvido (...). Gostaria que fosse assim com nossa alma, que ela tivesse boa provisão de conhecimentos, preceitos, exemplos retirados de muitas épocas, mas convergindo em uma unidade.” (FOUCAULT, 2006, p. 152-153)

O Projeto PQP (Pessoa que é Pessoa) nasceu do papel da “escrileitura” como compreensão de um corpo, o qual pode incitar a transformação e apropriação de “verdades” acerca de um tema, de uma situação, de si mesmo, dos outros, da aquisição de conhecimentos diversos, dispersos que formam aparentemente uma unidade.

Projeto PQP (Pessoa que é Pessoa): *PQP não é FDP; PQP luta pelo amor...*

Todos os anos na escola onde o projeto foi desenvolvido, acontece a Semana do Colégio¹, aberta a comunidade externa para apresentação de trabalhos diversos desenvolvidos dentro da escola tanto no ensino médio quanto no técnico.

Assim, em 2016 a partir de julho iniciamos a prática de “escrileitura” literária da crônica “Homem que é homem” de Luis Fernando Verissimo - publicada na Coletânea de LFV “As mentiras que os homens contam” em 2000 -, nas aulas da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura (LPL) e Redação. Depreendeu-se desta atividade reflexões sobre as temáticas: masculinidades, diversidade, gênero e preconceito. Nas aulas de Redação trabalhou-se o gênero crônica e a proposta da reescrita da mesma em outro formato, a partir daí os alunos decidiram adaptar a crônica à produção audiovisual de um texto que trabalhasse a educação sexual e linguística acerca da sexualidade, do preconceito e à inclusão diversidade.

Simon (2016) afirma que investigações aprofundadas sobre as masculinidades e subtemas afins, tais como o estudos de gêneros, feminismos, homossexualidade, diversidade é um fenômeno recente no Brasil, tendo como um dos pioneiros Sócrates Nolasco como as publicações de “O mito da masculinidade” (1993) e “A desconstrução do masculino” (1995) que traziam reflexão sobre o comportamento dos homens mostrando a quebra de estabilidade e identidade da representação do masculino e a emergência de um novo perfil de masculinidades. O destaque dessa mudança ganhará visibilidade no campo literário e midiático a partir do início do século XXI, destacando-se os escritores Xico Sá e Capinejar por meio de crônicas, livros, contos e etc. É nesse contexto que Luis Fernando Verissimo também contribui para os debates sobre a condição masculina na contemporaneidade. Simon (2016) constata ainda que a leitura dos diversos textos de Verissimo, em que vem à tona a multiplicidade dos tipos masculinos tem correspondência nos dias atuais.

Em “Homem que é homem” Verissimo explora de forma crítica e irônica as práticas masculinas do estereótipo do “machão”, em tom humorístico destaca o comportamento linguístico, psicológico, cultural e simbólico que determinados homens assumem para serem reconhecidos como o verdadeiro “homem” para determinada sociedade.

Verissimo (2000) explora o comportamento rude, viril, preconceituoso, agressivo, insensível estereotipado com um tipo de masculinidade, modelo pré-determinado de um homem que corresponde ao HQEH: “Homem que é Homem — de agora em diante chamado HQEH — não deixa sua mulher mostrar a bunda para ninguém, nem em baile de carnaval. HQEH não mostra a sua bunda para ninguém. Só no vestiário, para outros homens, e assim mesmo, se olhar por mais de 30 segundos, dá briga”. (VERISSIMO, 2000).

O perfil masculino explorado por Verissimo desnuda a forma como culturalmente o homem brasileiro é educado em vários âmbitos desde o seio familiar, religioso, escolar, social e outros. Assim, o discurso literário de Verissimo incita o *escrileitor* a repensar o perfil de masculinidade da década de 2000, qual imagem de “homem” simbolicamente a sociedade brasileira do século XXI tem fabricado e/ou reiterado. Outrossim, o *escrileitor* passa também a pensar em como a linguagem, o discurso e a prática discursiva define aquilo que se diz, como se diz e porque se diz e esse processo passa a definir os modos de existência. As consequências desses discursos podem ser *pharmakon*, curar, matar ou apenas embelezar.

O que significa ser Homem ou Mulher ou outro Gênero? Em medida, cada um como pessoa se significa, se define pelo que diz, como diz e pela forma como age? Sou mais ou menos humano?

Alguns desses questionamentos foram trazidos à baila entre os participantes do Projeto PQP, quando resolvemos transformar as práticas discursivas que promovem o preconceito, a intolerância a diversidade em um acontecimento discursivo, um ruptura com a regularidade: uma Educação Linguística. Conjuntamente professores e alunos produzimos um vídeo e uma sala para *a priori* chamar a atenção para conscientização, o respeito à diversidade, para o não preconceito. “Educar pelo/no AMOR; na/pela LINGUAGEM do bem... resgatando a humanidade e dignidade do homem que é homem, ou melhor dizendo, da pessoa que é pessoa.” (MOMESSO, 2018).

¹ Ver <https://www.facebook.com/cti.unesp.bauru/photos/a.1239253692764454/1239264246096732>

Mas como fazer uma Educação Linguística em prol de uma Educação Sexual?

Um dos primeiros passos é olhar para língua não como um sistema estático de signos, mas como processo, saber que ela é processo, movimento e que em cada falante, só terá seu acento se o mesmo souber lidar como seus efeitos. Ter ciência que a língua não é transparente, mas sim opaca, variável, que nem sempre a compreensão pessoal de determinado termo é a mesma no âmbito social. Ter ciência que o uso de uma língua se tece também daquilo que é extralinguístico (cultural, social, ideológico, histórico, simbólico, etc.). Por fim, que para se expressar bem é preciso ler bem. *Escriler* são dois movimentos complementares que acontecem simultaneamente na construção dos textos sejam eles verbais ou não verbais.

No Projeto PQP explorou-se o trocadilho, a ambiguidade, o discurso lúdico, irônico de expressões conhecidas comumente como chulas e de baixo calão, as quais são proferidas quando as pessoas estão no ápice da agressividade, ou quando querem desferir o ódio contra algo que as contraria ou também conhecidas como xingamento cotidiano na boca de tantos brasileiros, como por exemplo (Vá a PqP(*Putá que pariu*)) ou FDP (*Filho da Puta*) foram transformadas em *pharmakon* (cura) em expressões que ao contrário da agressividade proferem o amor, o entendimento, a promoção da harmonia. Abaixo transcrição (vídeo) da prática discursiva de PQP.

Pessoa que é Pessoa não fala da roupa dos outros.

Pessoa que é Pessoa não gosta de estereótipos.

Pessoa que é Pessoa não julga

Pessoa que é Pessoa é agora chamado PQP

PQP luta pela felicidade

PQP não passa por cima dos outros

PQP não é homem ou mulher

PQP é PQP

PQP olha seu caráter

PQP vive em harmonia

PQP nem sempre foi PQP

PQP era FDP

FDP é Formado de Preconceito

FDP não convive com PQP

Mas, PQP convive com FDP

PQP transforma FDP em PQP

PQP pode ser chamado de PAZ QUE PAIRA

PQP é ÚNICO

PQP luta pelo AMOR

SEJA UMA PESSOA QUE É PESSOA. (MOMESSO, 2018).

Depois da produção do vídeo os alunos liderados por Jamilly Guimarães, atualmente cursa graduação em Sistema de Informação e Wesley Santos graduando em Biotecnologia montaram a Sala PQP, na qual fizeram uma túnel de TNT e conforme os visitantes passavam por este, deparavam-se com imagens, frases, depoimentos de pessoas diversas que relatavam sobre o sofrimento de serem estereotipadas, não aceitas pelas suas opções sexuais, ou por raça ou credo e ao chegarem ao fim do túnel assistiam a produção audiovisual. A sala durante a semana foi um sucesso, marcou a vida de quase todos os alunos que participaram do evento, houve relatos da transformação do relacionamento entre eles que tornou-se mais afetivo, respeitoso, mas o mais importante: quase todos experienciaram o cuidado de si.

Considerações Finais

Tratar de questões caras como a sexualidade, gênero, preconceito, feminismo, masculinidades e outros é de extrema importância, pois são fios discursivos que tecem nosso modo de ser, pensar e agir e, portanto, é o que nos movimenta.

Conhecer o movimento e o trabalho discursivo da construção do tecido da vida implica saber ler e escrever para ser e compreender a si e ao mundo.

O Projeto PQP fez seus integrantes perceberem a importância do *escrever* nos modos de existência humana, que deve ser pautada por uma formação ética ou melhor dizendo de uma educação de si, permeada pela compreensão do ser de si, o respeito aos seus desejos e anseios, as demandas de suas próprias vontades, a compreensão de sua história. A coragem de conhecer-se ou de olhar-se na busca da “verdade” e compreender que esta pode ter várias facetas e linguagens é de suma importância. Mas, para sabê-la é importante observar a multiplicidade de sentidos, os desvios, as condições de produção e de circulação das práticas discursivas que a constituem como “a verdade”, uma vez que “a verdade” pode ser apenas um efeito.

Por fim, o cuidado de si implica no conhecimento de si mesmo, na coragem da verdade, “descobrir que não é o que acreditava ser, que não se confunde com os objetos aos quais se prendia”. (FOUCAULT, 2004, p. 318). Cuidar-se, reinventar-se, ressignificar-se na tarefa autônoma de conhecer-se para governar a própria vida com ética e responsabilidade.

Referências

ANGENOT, M. **Para uma Teoria do Discurso Social**: Problemática de uma pesquisa em andamento. (Tradução Zilá Bernd). In: Cadernos (UFRGS), Porto Alegre, n. 7, p. 8, 1992.

CHARTIER, R. **À Beira da falésia: uma história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/URFGS, 2002.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução Roberto Machado. 22ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução Márcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz F. B. Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MOMESSO, M. R. **Educação no/pelo amor, realizando-se na/pela linguagem...** PROJETO PQP (Pessoa Que é Pessoa) In: GESTELD. 2018. Disponível em: <https://www.gesteld.com/educacao-escolar> Acessado em: 06/01/2020.

ROSE, N. Inventando nossos eus. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, T. T. (Org.) **Nunca fomos humanos – Nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 137-204.

SIMON, L. C. **O discurso literário sobre as masculinidades nos anos 1970**: duas crônicas de Luis Fernando Veríssimo. In: Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação. Blumenau, v. 10, n. 1, p. 226-241, jan./abr. 2016.

VERÍSSIMO, L. F. **Homem que é homem**. In: As mentiras que os homens contam. Coletânea de LFV da Editora Objetiva, 2000.

Recebido em 7 de setembro de 2020.

Aprovado em 17 de novembro de 2020.